

A morte de Benjamin Benatar e Miguel Levy em Vassouras-RJ no século XIX

The Death of Benjamin Benatar and Miguel Levy in Vassouras-RJ in the 19th century

Angelo Ferreira Monteiro

Como citar esse artigo. MONTEIRO, A.F. A morte de Benjamin Benatar e Miguel Levy em Vassouras-RJ no século XIX. *Revista Mosaico*, v.11, n.1, p. 25-38, 2020.

Resumo

Este artigo busca sanar algumas lacunas para entender o momento histórico do falecimento de Benjamin Benatar em 1859 e de Miguel Levy em 1878 em Vassouras-RJ no século XIX. Benjamin Benatar era um negociante próspero da Vila de Vassouras, elevada à cidade em 1857; se casou na Igreja Católica, onde batizou seus filhos e foi padrinho de um sobrinho. No entanto, no leito de morte expressou sua última vontade, morrer na sua fé judaica, causando uma situação inusitada na cidade de Vassouras do Oitocentos, pois o único cemitério disponível era cristão. A família solicitou uma sepultura eclesiástica, o tribunal eclesiástico montou um processo que aplicou a sentença de negação de sepultura de acordo com as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, a viúva de Benatar recorreu à Mesa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia que ofereceu à família, o jardim da instituição hospitalar, dez dias após o seu falecimento. Quase duas décadas depois, Miguel Levy faleceu e por também professar a fé judaica foi sepultado no mesmo jardim que Benatar. Como metodologia para esta pesquisa utilizamos fontes primárias, jornalísticas e revisão de literatura da temática. Esperamos ter contribuído com alguns pontos que poderão esclarecer dúvidas quanto aos casos desses dois judeus em Vassouras no século XIX e oportunizar novas pesquisas sobre a temática.

Palavras-chave: Vale do Paraíba Fluminense; Século XIX; Memorial Judaico de Vassouras.

Abstract

This article seeks to remedy some gaps in order to understand the historical moment of the death of Benjamin Benatar in 1859 and Miguel Levy in 1878 in Vassouras-RJ in the 19th century. Benjamin Benatar was a prosperous businessman from Vila de Vassouras, elevated to the city in 1857; he married in the Catholic Church, where he baptized his children and was the godfather of a nephew. However, on his deathbed he expressed his last will, to die in his Jewish faith, causing an unusual situation in the city of Vassouras of the 1800s, as the only cemetery available was Christian. The family requested an ecclesiastical grave, the ecclesiastical court mounted a process that applied the sentence of denial of grave according to the First Constitutions of the Archbishopric of Bahia, the widow of Benatar appealed to the Table of the Brotherhood of Santa Casa de Misericórdia that offered to the family, the hospital's garden, ten days after his death. Almost two decades later, Miguel Levy passed away and for also professing the Jewish faith he was buried in the same garden as Benatar. As methodology for this research we use primary sources, journalistic and literature review of the theme. We hope to have contributed some points that may clarify doubts about the cases of these two Jews in Vassouras in the 19th century and provide new research on the subject.

Keywords: Paraíba Fluminense Valley; 19th Century; Jewish Memorial of Vassouras.

Introdução

Este artigo busca sanar algumas lacunas para entender o momento histórico do falecimento de Benjamin Benatar em 1859 e de Miguel Levy em 1878 em Vassouras no século XIX. Benjamin Benatar era um negociante próspero da Vila de Vassouras, elevada à cidade em 1857; se casou na Igreja Católica, onde batizou seus filhos e foi padrinho de um sobrinho. No entanto, no leito de morte expressou sua última vontade, morrer na sua fé judaica, causando uma situação inusitada na cidade de Vassouras do Oitocentos, pois o único

cemitério disponível era cristão. A família solicitou uma sepultura eclesiástica, o tribunal eclesiástico montou um processo e após dez dias, ouvindo testemunhas, análises e aplicando a sentença de negação de sepultura de acordo com as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. A viúva de Benatar recorreu à Mesa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, composta por seus compadres que em reunião ofereceu à família, como último local para descanso daquele que tanta alegria e prosperidade trouxe para a cidade, o jardim da instituição hospitalar. Quase duas décadas depois, Miguel Levy faleceu e por também professar a fé judaica

Afiliação do autor:

Mestre em História Social e Graduado em História pela Universidade Severino Sombra – USS (atual Universidade de Vassouras), Professor Assistente III e Pesquisador da Universidade de Vassouras, Coordenador do Projeto de Pesquisa “Família e Religiosidade: A importância da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras no século XIX”. Editor Executivo da Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades da Universidade de Vassouras e Responsável pelo Núcleo de Integração, Empreendedorismo Sociocultural e de Negócios da Universidade de Vassouras. Titular da cadeira nº 7 da Academia de Letras de Vassouras – ALV – Patrono Casimiro Cunha. Membro Colaborador do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras – IHGV. Patrono da Cadeira nº 7 da Academia Juvenil de Letras de Vassouras – AJLV.

* Email de correspondência: angelofmonteiro@gmail.com

Recebido em: 02/06/20. Aceito em: 09/06/20.

foi sepultado no mesmo jardim que Benatar.

Como metodologia para esta pesquisa utilizamos fontes primárias com o processo de negação de sepultura de Benjamin Benatar e fontes jornalísticas que nos esclareceram algumas lacunas sobre a trajetória destes dois judeus em Vassouras no Oitocentos, além da revisão de literatura sobre a temática. Ressaltamos que optamos por manter a ortografia da época nas notícias de jornal nas citações diretas.

As fontes primárias e a imprensa na pesquisa histórica

Barros (2019) assinala que lidar com fontes manuscritas ou fontes impressas implica ou demanda habilidades e conhecimentos distintos do historiador que se vale de um ou outro desses tipos de documentação.

Em nossa pesquisa trabalhamos com os dois tipos de fontes citadas pelo autor acima, buscando complementar dados sobre os dois casos dos judeus que estão sepultados no jardim (atual Memorial Judaico de Vassouras) da Santa Casa de Misericórdia de Vassouras (prédio em reforma para instalação da sede do Instituto Vassouras Cultural).

Barros (2019, p. 80-81) continua

As fontes manuscritas, por exemplo, escritas à mão com tipos de letras diversificados para as várias sociedades e épocas – sem mencionar a própria singularidade grafológica de cada indivíduo que escreve um texto à mão – requerem frequentemente a necessidade de algum conhecimento de paleografia daqueles que delas se aproximam para fins historiográficos. É também preciso que o historiador que trabalha com documentação manuscrita adquira uma habilidade maior de ler o manuscrito com rapidez e eficiência, o que se adquire apenas com a prática e o hábito.

Há quase duas décadas utilizamos este tipo de fonte para nossas pesquisas e também tivemos experiência profissional por oito anos no Centro de Documentação História da Universidade Severino Sombra (atual Universidade de Vassouras). A documentação deste arquivo atualmente se encontra sob a guarda do Escritório Médio Paraíba do IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional), localizado em Vassouras.

No presente caso, o processo de Negação de Sepultura Eclesiástica de Benjamin Benatar é um Traslado, logo uma cópia do original.

Barros (2019, p. 82) ressalta que

Pode-se dar ainda o caso de que, apesar de ser manuscrito, o documento seja uma cópia de um primeiro original (manuscrito ou mesmo impresso). Nos tempos anteriores à invenção da Imprensa, era muito comum a prática da cópia manuscrita de um original. O texto original – um objeto único – podia ser copiado em um mundo cultural no qual era muito importante o trabalho dos escrivães. Também podia ocorrer o caso de reelaboração modificada, em uma nova versão, de um primeiro texto. Mas mesmo quando a intenção fosse copiar o texto original literalmente, nada assegura que isso ocorresse sem erros.

E demonstra que “nesses casos, teríamos o que se convencionou chamar de documento manuscrito derivado” (BARROS, 2019), ressaltando a importância de classificação pelo historiador e o cuidado com este tipo de fonte devido à possível existência de trocas, erros e supressões de letras, palavras e partes do texto.

E completando as fontes históricas para este trabalho, destacamos que o uso de jornais na pesquisa histórica é algo ainda recente, comparado à utilização de outras fontes primárias como: inventários, testamentos e processos criminais, entre outros documentos oficiais, e também outros tipos de fontes como medalhas, moedas, heráldica etc.

No capítulo “A história como ciência: o ofício do historiador”, Le Goff sustenta que

Antes de mais nada, deve decidir sobre aquilo que irá considerar como documento e o que irá rejeitar. Durante muito tempo, os historiadores pensaram que os verdadeiros documentos históricos, eram os que esclareciam a parte da história dos homens que era digna de ser conservada, referida e estudada: a história dos grandes acontecimentos (vida dos grandes homens, acontecimentos militares e diplomáticos, batalhas e tratados), a história política e institucional. A ideia de que o nascimento da história estava ligado ao aparecimento da escrita levava a privilegiar o documento escrito. (LE GOFF, 1982, p. 100)

Ainda segundo Le Goff, Fustel de Coulanges foi o que mais privilegiou o documento escrito e Lucien Febvre, replicando Coulanges, afirmava:

A história faz-se, sem dúvida, com documentos escritos. Quando existem. Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, se não existirem. Faz-se com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar o seu mel, quando faltam as flores habituais: faz-se com palavras, sinais, paisagens e telhas; com formas de campo e com ervas daninhas; com eclipses da Lua e arreios; com peritagens de pedras, feitas por geólogos e análises de espadas de metal, feitas por químicos. Em suma, com tudo o que, sendo próprio do homem, dele depende, serve o homem, exprime o homem, torna significantes a sua presença, atividade, gostos e maneiras e ser” [1949]. Também Marc Bloch [1941-42] tinha declarado: A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que constrói, tudo o que toca, pode e deve fornecer informações sobre ele. (LE GOFF, 1982, p. 101-102)

Assim, a partir destas considerações e da infinidade de fontes possíveis para a pesquisa histórica, o primeiro historiador brasileiro a se dedicar a este tipo de fonte, foi Nelson Werneck Sodré em seu clássico “História da Imprensa no Brasil”, onde destaca que “a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”. [...] e continua afirmando que “o estreito vínculo entre a imprensa e a ordem capitalista aparece, também, na evolução do problema da liberdade de informar e de opinar. (SODRÉ, 1966, p. 1-2); e, além disso, outro problema era a luta entre a opinião e a publicidade (SODRÉ, 1966). E conclui que

A questão da periodicidade apresenta-se sempre como preliminar nas exposições históricas. Trata-se de recurso didático, destinado a facilitar a compreensão do desenvolvimento de qualquer processo ou fenômeno. No caso da história da imprensa brasileira, verifica-se, pela visão de conjunto, que a única repartição a corresponder a realidade seria em imprensa artesanal e imprensa industrial. (SODRÉ, 1966, p. 7)

Sodré (1966) destaca que sua obra não contemplou outros aspectos que poderiam ser retirados da história da imprensa, oferecendo um leque de opções e de trabalhos com este tipo de fonte histórica.

Luca argumenta que

Os periódicos vistos como pólos em torno dos quais se reuniam e disciplinavam forças e instrumentos de combate e intervenção no espaço público, oferecem oportunidades privilegiadas para explicitar e dotar de densidade os embates em torno de projetos e questões, longe de se esgotarem em si mesmos, pois dialogam imensamente com os dilemas do tempo. Noutros termos, o índice que se apresenta ao leitor resulta de uma luta que cumpre ao historiador explicar. (LUCA, 2007 apud VALLE, ARRIADA, CLARO, 2010, p. 119)

Valle, Arriada e Claro corroboram com Luca

Como é mencionado acima por Tania de Luca, existem várias formas de relação da imprensa escrita com a história, percebendo-se nelas situações concretas que remetem às especificidades reveladoras das informações disseminadas. (VALLE, ARRIADA, CLARO, 2010, p. 67)

Luca (2008, p. 111) afirma, ainda, que

ainda no final da década de 1970 do século XX que reconhecia-se, portanto, a importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História da imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História por meio da imprensa.

E esclarece que

Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. (LUCA, 2008, p. 111-112)

Assim, em nossa pesquisa, utilizaremos, além das fontes primárias, as fontes jornalísticas, verificando que nos textos selecionados encontram-se interesses de divulgação dos negócios por Benatar na imprensa do Rio de Janeiro, na época sede da Corte Imperial, e também a divulgação da sua morte, e posteriormente

a de Miguel Levi, este na imprensa de Vassouras, que surgia tardiamente em 1873 (PINTO, 1935) – quando se compara com Valença, inaugurada em 1832 (O VALENCIANO, 1832; IÓRIO, 2013) –, mas seus pioneiros descreveram em suas páginas a história da origem do povoado, vila e a ascensão à cidade, destacando os principais fatos históricos que culminaram com a publicação de livros na terceira década do século XX, por Jorge Pinto e Ignácio Raposo.

Dois judeus em Vassouras no século XIX e a imprensa

As pesquisas sobre Benjamim Benatar apontam para a questão da negação de sepultura em 1859 e de Miguel Levy que, segundo Rocha (2002) possui apenas a lápide da sua sepultura como prova da sua existência. Para nós Miguel Levi pôde aproveitar a “jurisprudência” criada pelo caso de Benatar em 1859 e foi sepultado em 05 de março de 1878 (RAPOSO, 1978) nos jardins da Santa Casa de Misericórdia de Vassouras, no Vale do Paraíba Fluminense, em pleno século XIX.

Para chegarmos ao tema de nosso artigo, faz-se necessário apresentar um pouco da história de Vassouras no século XIX.

Lamego (1963, p. 136-137) afirma que Vassouras nasceu de um erro geográfico e justifica

E a pequena vila mirrou a beira' de uma estrada, vendo passar os milhares de burros a levarem nos surrões toda a riqueza da terra para os portos marítimos. Em Vassouras, distanciada da costa, veremos num milagre de coesão cultural, toda a sua nobreza agrária unir-se para a criação de um grande centro urbano. Embora sendo o melhor exemplo do poder extraordinário do café como agente transformista da paisagem serrana, a formação de Vassouras chega a ser paradoxal. Em nenhuma outra zona fluminense veremos essa grupação de valores humanos, tendentes num só tempo a extrair da terra uma grande abastança afazerem-na florir em empreendimentos urbanísticos. Tudo o que até hoje se escreveu sobre o patriarcalismo isolacionista dos grandes senhores rurais no Brasil, atentos exclusivamente ao mandonismo agrário em seus domínios, desaparece ante o fenômeno de Vassouras. Fenômeno de sociabilidade urbana em que gerações de aristocratas camponeses incansavelmente se devotam num permanente esforço para embelezarem a sua vila. Quase inacreditável é a rapidez com que ela cresce, num êrmo da floresta, e se transforma na mais culta e aristocrática entre todas as cidades do café.

Para este surgimento da Vila de Vassouras foi necessário que a Câmara Municipal da Vila de Paty do Alferes criada em 1820 realizasse uma votação pela transferência da sede da Vila para o então povoado de Vassouras e optou por se transformar em termo (atualmente distrito) desta última. Em 15 de Janeiro de 1833, Vassouras tornou-se Vila e pela lei provincial nº 961, de 29 de setembro de 1857 foi elevada à cidade.

(TAMBASCO, 2001; BRAGA, 1975)

Ao todo, foram 24 anos como Vila de Vassouras até à elevação à cidade (MONTEIRO, 2012). Dois anos após a criação da Vila, recebia a sede de Comarca, composta também pela Vila de Valença e Iguaçú: com o juiz de direito, o Juiz municipal e de órfãos e seus seis substitutos, o promotor público, dois tabeliães, o escrivão da paz, o contador e distribuidor, dois partidores, o promotor de resíduos, além dos juizes de paz. (BRAGA, 1975)

Em 1837 criou-se a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, separando-se da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Sacra Família do Tinguá. (TAMBASCO, 2001)

Em 1854, o senador Nabuco de Araújo cria um projeto de lei para extinção do júri e controle da imprensa; esta proposta é rebatida por opiniões contrárias à do senador. No entanto, destas a que ficou mais conhecida foi o Manifesto Vassourense – que compreendia o programa e o manifesto em si –, redigido pelo liberal Visconde de Araxá, na terra dos membros do partido conservador (FERREIRA, 2010). A proposta do programa se resumia em três pontos:

- 1º Que se dirija ao senado uma representação pedindo respeitosa, mas firmemente a rejeição do projecto de reforma judiciária;
- 2º Que se funde no lugar, em que mais convier, uma folha com o fim principal de sustentar as instituições constitucionais do jury e da imprensa;
- 3º Fica desde já nomeada uma comissão composta dos Srs. Barão de Capivary, Barão de Campo Bello, e Comendador Francisco José Teixeira Leite, encarregada de expedir a representação ao senado com o maior número de assignaturas que for possível, e que tem de ocupar-se da função, manutenção e direção da folha (FERREIRA, 2010, p. ---).

Após este manifesto, o projeto foi arquivado, pois ameaçava a instituição do júri e a liberdade de imprensa. Ressaltamos que, naquele momento, Vassouras ainda não dispunha de um periódico, inclusive uma tentativa de criar um jornal na então Vila de Vassouras é citada por Ignácio Raposo no livro História de Vassouras:

Conta-se até que um jornalista carioca, tendo procurado o Dr. Joaquim Teixeira Leite, a fim de pedir-lhe um auxílio para a fundação de um jornal em Vassouras, teve a seguinte resposta: – Dou-lhe tudo para que o senhor se vá embora e mude de ideia. Não queremos briga (RAPOSO, 1978, p. 158).

No entanto, o mesmo Dr. Joaquim José T. Leite, em seu discurso final como Presidente da Câmara de Vassouras, no dia 07 de janeiro de 1849, cita a necessidade dos seus representantes prestarem contas no término do mandato e posse da nova legislatura (BRAGA, 1975, p. 119):

Ainda que a lei não exija, positivamente, o relatório da administração municipal quando uma Câmara a entrega à sua sucessora, a natureza das coisas o pede, além de que os

futuros habitantes de Vassouras terão curiosidade de conhecer a história de sua vila e município, e como o único meio de conhece-la são os arquivos da municipalidade, cumpre que estes digam alguma coisa. [...] (BRAGA, 1975. p. 119)

Este discurso demonstra a importância dada às fontes documentais oficiais e um jornal, na visão deles, só traria conflitos.

Assim, somente em 1873 (PINTO, 1935, p. 109) – e curiosamente após o falecimento do Dr. Joaquim José Teixeira Leite, ocorrido em 1872 (MUSEU CASA DA HERA, 2018) – é que foi criado o primeiro jornal em Vassouras intitulado “O Município” (figura 1); temos conhecimento apenas das edições a partir de 1877 e, abaixo do título do jornal, consta criado por uma empresa. Segundo o memorialista Jorge Pinto, os redatores desta primeira fase deste jornal eram os doutores Lucindo Filho, Rodolpho Leite Ribeiro, Herculano de Figueiredo e Alberto Brandão (PINTO, 1935).

Em 1882 criou-se “O Vassourense” (figura 2), tendo como redator o médico Lucindo Pereira dos Passos Filho; este hebdomadário foi publicado até 1896, possuía diversos colaboradores locais – como os já citados no primeiro periódico, entre outros, como o poeta Raimundo Corrêa, que exerceu a função de juiz municipal e de órfãos e ausentes em Vassouras (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2018) –, como também colaboradores da Corte e posterior capital fluminense; entre eles destacamos Quintino Bocaiúva (figura 3) e Olavo Bilac (PINTO, 1935).



Figura 1. Jornal O Município - 1877

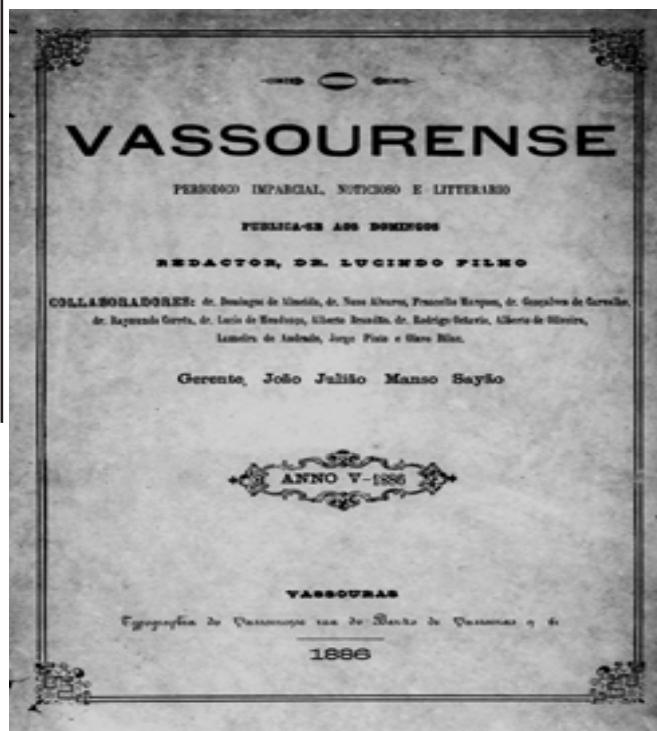


Figura 2. Capa do Jornal O Vassoirense do ano de 1886.



Figura 4. Almanak Vassoirense – 1887



Figura 3. Jornal O Vassoirense de 05-04-1885 com artigo de Quintino Bocaiuva sobre Vassouras

Na obra *Fastos Vassoirenses*, Jorge Pinto (1935) enumera umas duas dezenas de jornais que surgiram a partir deste período e que não tiveram uma longa duração ou representatividade como os já citados.

Assim, as informações disponíveis sobre o período de criação da Vila de Vassouras, os primeiros melhoramentos urbanos e o seu desenvolvimento regional, estão descritos em documentos oficiais como as atas da Câmara Municipal de Vassouras, relatórios do Presidente de Província do Rio de Janeiro ou no *Almanak Laemmert*, como podemos conferir no Quadro 1.

Como podemos perceber, a vila tinha uma estrutura adequada para atender aos seus moradores e visitantes e, mesmo assim, não dispôs de uma tipografia por mais de 30 anos de existência, para impressão de jornais e livros, entre outros serviços.

Ainda assim, seus moradores não deixaram de utilizar a imprensa da corte para divulgar suas atividades na região do Vale do Paraíba Fluminense. Para isso, destacamos a figura do marroquino Benjamin Benatar que desenvolveu a atividade de negociante em Vassouras a partir de 1838, com comércio estabelecido de botequim, venda de bebida alcoólica, secos e molhados, conforme imposto recolhido e localizado por Isabel Rocha (ROCHA, 2002).

Nascido em 1809 em Gibraltar, no Marrocos, do Reino da Espanha, em 1829 já se encontrava na Bahia e em 1837 no Rio de Janeiro, com um escritório de comissões e agência na Rua da Cadeia, 81, “para servir

Quadro 1. Ocupações e Serviços na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras (1849-1860)

	1849	1855	1860
Fazendeiros de Açúcar e Aguardente	-	4	3
Fazendeiros e Agricultores de Café	-	140	85
Capelães	10	7	8
Irmandades	-	5	5
Professores Públicos	2	2	1
Colégios	3	2	3
Advogados	3	3	5
Procuradores	3	3	5 ^a
Médicos e Cirurgiões	8	7	8
Boticas	2	3	3
Diretores de Música	2	3	4
Proprietários	20	50	79 ^b
Hospedaria	2	3	4
Bilhar	1	-	3
Negociantes	20	35	67
Negociantes Matriculados	-	3	2
Barbeiro	-	2	3
Padaria	-	3	3
Capitalistas	-	10	14
Oficinas Diversas	5	-	-
Ourives	-	-	1
Relojoeiro	-	-	1
Agrimensor	-	-	1
Mestre de Obras	-	-	5
Modista	-	-	1
Alfaiates	-	-	8
Sapateiro	-	-	4
Armadores	-	-	2
Marceneiros	-	-	1
Funileiro	-	-	1
Ferreiros	-	-	3
Ferradores	-	-	3
Seleiros e Correeiro	-	-	1
Serralheiro e Fabricante de Carroças	-	-	1
Canos de Aluguel	-	-	2
Açougue	-	-	3
Charuteiro	-	-	1
Fogueteiro	-	-	1
Olaria	-	-	1
Engenho de Café movido a vapor	-	-	6

A partir de LAEMMERT, Eduardo von Laemmert. Almanak Administrativo Mercantil e Industrial. Rio de Janeiro. Eduardo e Henrique Laemmert, 1849, 1855 e 1860. Páginas 117-119, 135-139 e 195-200, respectivamente.

^a incluindo os solicitadores

^b além de outros pequenos proprietários

(Fonte: MONTEIRO, 2005, p. 39; MONTEIRO, 2007, p. 49-50).

aos indivíduos que queiram prestar-lhe sua confiança, vendia e alugava escravos, amas de leite, casas, chácaras e outros objetos etc.”, onde tentou inclusive montar uma loteria sem sucesso (WOLFF, E.; WOLFF, F., ano, p. 40; WOLFF, F. 1999, p. 142-147). Já instalado em Vassouras em 1838, casou-se na Freguesia de Sant’Ana no Rio de Janeiro, com a paulista Brites Maria da Costa Gavião, em 1841, onde enviou um procurador para representa-lo no ato do matrimônio. Casada com Benjamin Benatar, assume o nome de Brites Cândida Gavião Benatar (ROCHA, 2002, p. 10) e deste consórcio nasceram 08 filhos: Adelaide, Benjamin, Joaquim, Edelmira, Pedro, Adelina, José e Malvina.

Benatar, ao convidar os principais membros da sociedade de Vassouras para padrinhos/madrinhas de seus filhos, criou uma rede de sociabilidade e conseguiu se estabelecer com o desenvolvimento de várias atividades.

Nos tópicos seguintes trataremos destas duas personagens na imprensa; percebemos que, ao longo de suas vidas, passaram de outsiders para estabelecidos em Vassouras, diferente do que já havia sido publicado sobre a possibilidade de Miguel Levy ser um caixeiro viajante passando por Vassouras (ROCHA, 2002).

Elias e Scotson afirmam que

Os antigos residentes poderiam ter aceitado, os recém-chegados, como pessoas que precisavam de ajuda, se estes se submetessem a sua proteção e se contentassem em assumir, na hierarquia de status, a posição inferior que costuma ser destinada aos recém-chegados. Pelo menos durante um período de experiência, pelas comunidades já estabelecidas, mais estreitamente unidas e conscientes de sua posição. Em regra, tais comunidades esperam que os novatos se adaptem a suas normas e crenças; esperam que eles se submetam a suas formas de controle social e demonstrem, de modo geral, a disposição de “se enquadrar”. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 64-65)

Assim verifica-se que Benjamin Benatar e Miguel Levy conseguiram ultrapassar de forasteiros para estabelecidos em Vassouras, como se comprovará adiante.

Benjamin Benatar e a Imprensa da Corte

Benjamin Benatar, conforme os que escreveram sobre ele, perceberam o seu tino comercial e, como já dissemos, Vassouras não dispunha de um jornal; e acostumado com esta ferramenta de propaganda no Rio de Janeiro, suas atividades e negócios em Vassouras começaram a ser divulgadas no Jornal Correio Mercantil do Rio de Janeiro, na Corte, a partir de 1857 (CORREIO MERCANTIL, 1857)

Primeiramente, apresentamos a edição de sábado

de número 122 do jornal Correio Mercantil do Rio de Janeiro, datada de 25 de abril de 1857, que apresenta a matéria intitulada "Uma empresa nova em Vassouras"

A localidade de Vassouras, que ha dez annos progride com extrema rapidez, graças às importantes famílias, e a muitas pessoas de reconhecido merito que nella residem, - aceita sempre com entusiasmo as innovações, de que resultão adiantamentos em sociabilidade, ou em desenvolvimento industrial.

E descreve o marroquino e negociante Benjamin Benatar como

Um dos homens mais activos desta localidade o Sr. Benjamim Benatar que assistiu ao seu primitivo desenvolvimento, e que empregou os melhores annos de sua vida em fundar um estabelecimento que proporcionasse aos viajantes do interior as mesmas comodidades que se encontrão nas melhores estradas norte-americanas, ou europeas, - quiz no fim de sua carreira contribuir com mais um progresso para o aformoseamento do lugar em que fixou a sua residência.

O autor da matéria inicia a apresentação do local recém-inaugurado

Com este fim acaba de mandar construir um bellissimo salão para bailes, e de fazer melhoramentos em sua casa que lhe permittão, além de receber maior numero de hospedes, poder tambem fundar um club para reunião diaria das pessoas decentes, que ahi poderão encontrar jogos licitos, leitura de folhas estrangeiras, e outros entretenimentos muito apreciaveis em uma povoação do interior. Consta-nos que com a construção do salão, compra de um prédio contiguo, pintura e decoração da casa, aquisição de mobilia rica, piano, lustes, baixella. etc , etc. o proprietario gastou a maior parte de sua fortuna, fructo de longos annos de incessante trabalho, e que devia servir para futuro amparo de sua familia.

E destaca a importância do estabelecimento para a cidade

É inegavel que este estabelecimento, consolidado pela associação, que nos consta querer formar o Sr. Benjamim Benatar, para dar duas partidas de baile e musica mensaes, será de grande proveito, para o logar; e quanto a estrada de ferro funcionar até Belem, será mais um attractivo que convidará a população elegante da côrte a ir visitar este opulento logar. Quem tem estudado as difficulades que se oppoem á entrada de população estrangeira neste paiz, reconhecerá que não é talvez uma das menos influentes a falta de commodidades de hospedagem nas villas do interior, para quem o pretende percorrer sem nelle ter relações.

Considerando que

[...] o estabelecimento do Sr. Benjamim Benatar, reunindo o util ao agradável, as necessidades de primeira urgencia ás distracções do progresso, deve merecer o apoio de todos os homens esclarecidos deste logar, e que se empenhão sinceramente em seu engrandecimento; triste fôra o estrangeiro que o estrangeiro animoso, que aqui veio dedicar-nos a sua actividade, arriscasse com generoso confiança a sua fortuna, e achasse em troco a decepção e o indifferentismo.

E conclui a matéria

Convidamos pois os habitantes distintos desta localidade para que entrem na sociedade que o Sr. Benatar vai estabelecer, pois além de coadjuvarem um homem animoso e digno de protecção, contribuirão para o futuro engrandecimento de um lugar, que já tão rapidos progressos tem feito.

Um vassourense.

Esta matéria assinada por um anônimo e admirador de Benjamin Benatar, faz-nos analisar a forma de escrita e, pelos bilhetes que encontramos em seu inventário, podemos levantar a hipótese de que o autor desta matéria é o próprio negociante. Uma vez que Benatar sempre foi admirado pelo tino comercial, não é de se espantar que o próprio enviasse matéria para um jornal na Corte para divulgar sua mais nova conquista, o salão de bailes e os benefícios para os moradores da cidade de Vassouras e seus visitantes.

Infelizmente, Benjamin Benatar não pôde aproveitar o sucesso de seus empreendimentos. Faleceu em 14 de abril de 1859, quase dois anos depois da notícia publicada no jornal da Corte.

E sua história ficou conhecida, não apenas pelos negócios desenvolvidos em Vassouras por quase duas décadas; Benjamin Benatar, no momento da morte, em espaço privado, decidiu assumir que gostaria de morrer como judeu. Apesar de ser casado na Igreja Católica, ter desenvolvido uma rede de sociabilidade através do batizado dos filhos e, inclusive, batizando um sobrinho e fazendo negócios com o padre Manoel José dos Reis, proprietário do imóvel que propiciou a ampliação das suas atividades, esta opção causou uma situação delicada na cidade de Vassouras. E o que os autores de que temos conhecimento, que já escreveram sobre ele, não perceberam, e que somente agora, com acesso à fonte jornalística, nós conseguimos descobrir, é que ele falecera na semana que antecedia a Semana Santa do ano de 1859, exatamente numa quinta-feira, dia 14 de abril de 1859. No dia seguinte, 15 de abril de 1859, uma sexta-feira em que a Igreja Católica celebrava “As sete dores de Nossa Senhora” abriu-se o processo para análise da sepultura eclesiástica, logo há dois dias do Domingo de Ramos. Acreditamos que, por isso, foi embalsamado e ficou insepulto por 10 dias até o caso ser analisado pelo Tribunal Eclesiástico de Vassouras, que emitiu a sentença de negação de sepultura eclesiástica no mesmo dia de abertura do processo. Destacamos, ainda, que no início do processo o Pe. Manoel José dos Reis expõe “que constava publicamente, professar a religião Hebraica. O que até o mesmo era desconhecido, pois acreditava-se que até o momento anterior a enfermidade que o levou à morte, viveu como católico em Vassouras”. No entanto, este não era o caso. Tanto, que o Pe. Manoel José dos Reis justifica que pediu auxílio ao Barão do Tinguá, ao Barão do Campo Bello, ao Dr. Joaquim José Teixeira Leite e ao Dr. Francisco de Assis e Almeida

para que Benatar negasse “a sua seita e abraçar nossa Santa Religião”.

Cabe ressaltar que no Livro 4º das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, nos títulos 857 a 859, indicados pelo Pe. Manoel José dos Reis, no inciso I do título 857, consta: “Não se dará sepultura eclesiástica aos Judeus.” (VIDE, 2007). Nos títulos seguintes de 860 e 861, demonstram que este sacerdote para tomar esta decisão deveria formalizar, através de Sumário, destacando ainda a questão da distância entre as paróquias e o número reduzido de sacerdotes para a sentença final, que poderia julgar de acordo com a sua consciência. Ocorre que tinha uma relação de amizade e de negócios com Benatar e, para se resguardar de qualquer inconveniente, convocou testemunhas que declararam em seus depoimentos que ele professava a religião hebraica.

Sobre a *causa mortis* nenhum dos autores que anteriormente pesquisaram sobre Benjamin Benatar conseguiu descobrir; somente agora, com acesso à imprensa da Corte, foi possível levantar que o Correio Mercantil do Rio de Janeiro citou que ele falecera devido a uma afecção pulmonar, conforme consta no processo de Arbitramento de dívidas – relativo aos honorários médicos – movido pelo médico que tratou da sua última enfermidade, indicando que já estava doente e que esta afecção o levou à morte.

A notícia da morte de Benatar foi publicada na primeira página do Correio Mercantil de 22 de maio de 1859:

Esta cidade acaba de soffrer no dia 15 do corrente mez uma perda sensível. O proprietario do melhor hotel que possuímos, estrangeiro laborioso e util, faleceu de uma afecção pulmonar. Benjamin Benatar era extremamente dedicado a este lugar, que lhe deveu em suas grandes funcções o gosto e brilho com que era preparado todo o serviço. Aqui gastou elle a sua pequena fortuna em preparar uma hospedaria, igual ás melhores da côrte, e um salão de baile, em que os elegantes passarão bellas noites, tornadas mais agradaveis pelo genio jovial do proprietario. (CORREIO MERCANTIL, 1859, p. 1)

E descreve a situação vivida por Benatar no momento da morte

Apesar do merito do fallecido, como este era de religião judaica, a autoridade ecclesiastica, que esboa as idéas de intolerância, tão improprias a este paiz, oppoz-se a que elle fosse enterrado no cemiterio commum, unico da villa. Estava o corpo em risco de ser lançado em alguma cova do campo, quando o Sr. Dr. A. Lazzarini generosamente se offereceu e passou a embalsama-lo com summa pericia, e o Sr. barão do Campo Bello, intercedendo, com a sua dedicação e generosidade de vistas conseguiu que fosse sepultado dentro do recinto dos muros da Santa Casa de Misericórdia. (CORREIO MERCANTIL, 1859, p. 1)

E quem envia a correspondência informa que

Consta-nos que o falecido deixou numerosa familia e limitadissima fortuna; recomendamos, portanto, a sua viuva e filhos aos vassourenses que se utilizarão da intelligencia e actividade do estrangeiro laborioso. (CORREIO MERCANTIL, 1859, p. 1)

Apresenta ainda o momento em que acontecera a morte de Benatar

– Este triste acontecimento deu-se no principio das festas religiosas da Semana Santa, que este anno forão aqui feitas a expensas dos Srs. Eleuterio Rodrigues Barbosa, rico lavrador do municipio, e Antonio Alves Ferreira Toyares, fazendeiro portuguez, morador em Valença. Citamos os nomes dos festeiros, porque não se poupáão estes ás maiores despesas para sustentarem a reputação de Vassouras na riqueza de suas festividades. (CORREIO MERCANTIL, 1859, p. 1)

O uso da imprensa como fonte histórica nos leva a perceber as práticas sociais acontecendo de uma forma mais natural, que um documento oficial não deixa transparecer. E, através desta matéria sobre a morte de Benatar, apresenta-se aquele período da religiosidade católica em Vassouras:

Esta solenidade foi a causa de em Vassouras apparecer pela primeira vez um orador sagrado, que nos aprece destinado á mais elevada carreira. Não somos faceis em elogiar as mediocridades, desprezamos mesmo o incenso que se tributa a falsos ídolos; porem cumpre-nos confessar que o Sr. padre Patricio Moniz impressionou-nos profundamente. A sua physionomia elevada e expressiva, o timbre de autoridade da voz, a inspiração do olhar, quando, erguendo-se subitamente sobre o pulpito, homem desconhecido ao auditório, proferiu o bello sermão dogmatico da Cêa em quinta-feira santa, casavão-se admiravelmente com a clareza de raciocínios, a liberalidade de seus pensamentos e os rasgos de eloquencia que de improviso lhe surgião no discurso. O nome deste respeitável ecclesiastico não era para nós desconhecido. (CORREIO MERCANTIL, 1859, p. 1)

E continua destacando as qualidades percebidas do sacerdote e as celebrações da Semana Santa em Vassouras no ano de 1859

Sabíamos que a sua penna era habil, a sua erudição vasta; mas não o julgavamos tão provector nos exercicios da tribuna sagrada. No seu ultimo sermão de sabbado o orador despediu-se sensibilizado do auditório que lhe déra repetidas provas de attenção e estima: sua voz, induzida por nobres intenções, animou este povo laborioso a perseverar em sua carreira de indústria, progresso e liberdade. Recolhendo-se á casa do distincto cidadão o Sr. Dr. Manoel Joaquim da Silva, ahi o foi visitar grande concurso de pessoas de todas as classes; todas havião sentido que naquelle dia, na mesma tribuna illustrada pelo conego Marinho, um novo missionário do verdadeiro progresso, do progresso moral, se havia manifestado. Durante toda a Semana Santa, offere'ceu este logar grande semelhança com um arrabalde do Rio de Janeiro. Erão os mesmos usos, a mesma elegancia, dos grupos de senhoras que percorrião as ruas, e no interior das casas encontravão-se todos os commodos dos melhores bairros da corte. (CORREIO MERCANTIL, 1859, p. 1)

Tais datas podemos verificar no calendário do Almanak Laemmert do ano de 1859, na Figura 5

6
ABRIL
Tin 28 dia

Entra o Sol em TAURO a 20, á 1 hora 13' 40" da tarde.

LUNAÇÕES.

☉ Nova a 3, ás 7 horas 23' 2" da manhã.
☽ Cresc. a 10, ás 8 horas 28' 14" da manhã.
☾ Cheia a 17, ás 6 horas 13' 26" da manhã.
☀ Ming. a 25, á 1 hora 52' 44" da manhã.

Perigeo a 11 ás 7 horas da tarde. Apogeo a 24 ás 5 horas da tarde.

1 Sexta	As Chagas de S. Catharina de Sena, D.	27,7
2 Sabb.	S. Francisco de Paula, Fundador dos Minimos.	28,7
3 Dom.	4 ^a da Quaresma. S. Ricardo, B.; S. Benedicto, F.	0,1
4 Segunda	S. Isidoro, Arc. de Sevilha; S. Zozimo, C.	1,1
5 Terça	S. Vicente Ferrer, D.	2,1
6 Quarta	S. Marcellino, M.; a B. Catharina de Pallancia, A.	3,1
7 Quinta	S. Epifanio, B. M.	4,1
8 Sexta	S. Amadeo, B.; o B. Clemente de Ozimo, A.	5,4
9 Sabb.	S. Procoro, M.; Trasladação de S. Monica.	6,4
10 Dom.	da Paixão. S. Ezequiel, Propheta; o B. Antonio, M. D.	7,1
11 Segunda	S. Leão I, Papa; o B. André do Monte-Real, A.	8,1
12 Terça	S. Victor, M. Port.; o B. Angelo de Clavasio, F.	9,1
13 Quarta	S. Hermenegildo, M.; a B. Margarida de Castello, V. D.	10,1
14 Quinta	S. Tiburcio e S. Valeriano, Mm.; S. Pedro Gonç. Telmo, D.	11,1
15 Sexta.	AS SETE DORES DE N. SENHORA. S. Lucio, F.; S. Dalissa e S. Anastacia, Mm.; S. Eutichio, M. Proc. do Triumpfo á tarde pela Veneravel Ordem Terceira do Carmo.	12,1
16 Sabb.	S. Engracia, V. M. Port.; S. Fructuoso, Arc. de Braga.	13,1
17 Dom.	de Ramos. S. Aniceto, P. M.; S. Elias, Monge Port.	14,1
18 Segunda	S. Galdino, E. Cardal; o B. André Ilibernon, F.	15,1
19 Terça	S. Hermogenes, M.; o B. Conrado Miliano, F.	16,1
20 Quarta	de Trévas. S. Inez de Montepoliciano, V.	17,1
21 Quinta	de Endoaças. (X do meio dia em diante.) S. Anselmo, Arcebispo de Cantuaría.	18,1
22 Sexta	da Paixão. (X até ao meio dia.) S. Eoter e S. Caio, Pp. Mm.; S. Senhotinha, V., Portugueza.	19,1
23 Sabb.	d'Alletuia. S. Jorge, Defensor do Imperio.	20,1
24 Dom.	DE PASCOA DA RESURREIÇÃO DO SENHOR. S. Fidelis de Sigmaringa, M. Capuch. S. Honorio, Bispo. Procissão do Senhor Sacramento ao romper do dia.	21,1
25 Segunda	S. Marcos, Evangelista.	22,1
26 Terça	S. Pedro de Iates, M., 4 ^a B. de Braga.	23,1
27 Quarta	S. Tertuliano, B.; S. Turibio, Arc. de Lima.	24,1
28 Quinta	S. Vital, M.; S. Prulencio, B.; o B. Lucio, F.	25,1
29 Sexta	S. Pedro, M. D.	26,1
30 Sabb.	S. Catharina de Sena, V. D.; S. Peregrino Servita.	27,1

Figura 5. LAEMMERT, Eduardo von Laemmert. Almanak Administrativo Mercantil e Industrial. Rio de Janeiro. Eduardo e Henrique Laemmert, 1878 p. 5. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/almanak/al1859/00000010.html. Acesso: 31 Maio 2020.

Segundo Reily (2011, p. 47), analisando sobre a Semana Santa em Campanha-MG no século XIX, afirma

É também no século XIX que o calendário de festas religiosas se consolida e a estrutura de cada uma vai se definindo, com diferentes grupos de músicos tomando a frente das diversas configurações festivas. Já em meados do século XIX, a Semana Santa campanhense inclui atividades ao longo da semana – e essa estrutura persiste com apenas algumas alterações até hoje.

O Quadro 2 refere-se às informações apresentadas por Reily.

Quadro 2.

Domingo de Ramos	Procissão de Ramos e Procissão do Triunfo
Segunda-feira	Procissão do Depósito
Terça-feira	Procissão do Encontro ou Procissão dos Passos
Quarta-feira	Procissão de Dores e Ofício de Trevas
Quinta-feira	Lava-pés e Ofício de Trevas
Sexta-feira da Paixão	Descimento da Cruz e Procissão do Enterro
Domingo	Procissão da Ressurreição e Coroação de Nossa Senhora

Fonte: Reily (2011, p. 47)

No caso acontecido em Vassouras, não temos uma programação de como ocorria a Semana Santa no século XIX. Atualmente, a programação segue a da cidade mineira já citada, com pequenas diferenças, como na quarta-feira com a celebração penitencial e a procissão das Dores que segue para a Igreja do Rosário, ocorrendo no dia da Procissão do Depósito. No sábado, a Missa e Procissão da Ressurreição na Vigília Pascal e no domingo é celebrada a Páscoa. (PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VASSOURAS, 2020). Pode-se levantar a possibilidade de pouca alteração da programação em relação as atividades da Semana Santa em Vassouras no século XIX.

Por fim, o Jornal Correio Mercantil descreve o município de Vassouras neste período:

Vassouras com suas 400 casas, entre as quaes ha pequenos palácios, com seus 3 a 4.000 habitantes, está collocada em um valle aberto longitudinalmente em paralelo com o Parahyba, do qual dista uma legua. Vista do alto do caminho tortuoso que sobe para a Serra Grande, parece o leito escoado de um rio que deixou sobre seus comoros, em vez de destroços das florestas, os restos de uma grande povoação. (CORREIO MERCANTIL, 1859, p. 1)

O autor desta matéria, que não a assina, reclama e lamenta as condições de conservação das estradas do Comércio, da Polícia e de Presidente Pedreira, o que dificultava o contato mais próximo com a Corte no Rio de Janeiro.

Miguel Levy e a Imprensa Vassourense

Sobre Miguel Levy, inicialmente, temos uma citação em Raposo (1978) e, posteriormente, em Rocha (2002, p. 27); esta última levanta a hipótese dele ser um caixeiro viajante em passagem por Vassouras. No entanto, o jornal O Município nos propiciou a descoberta de que Levy morava em Vassouras com familiares e um de seus irmãos, Abraham Levy, era proprietário de uma loja comercial, conforme conta na Figura 6.

O Jornal O Município trouxe, na sua edição de 25 de novembro de 1877, a matéria sobre a fome no Ceará e, na página 4 da mesma edição, entre os doadores está Abraham Levy, irmão de Miguel Levy, que possuía uma loja comercial em Vassouras, como consta na Figura 7.

Na edição de 07 de março de 1878, o Jornal O Município informava que dois dias antes encerrava-se os folguedos de carnavais na cidade de Vassouras que, segundo o editor lamenta, correram de forma fria e sem animação; apenas no último dia notou-se mais vida e movimento e com a exceção de poucos com máscaras, “que deu mostras de algum espírito, nada apareceu de notável”. E continua

Em compensação houve muita bisnaga, muita

4

GRANDE PECHINCHA
NA
LOJA DA BARATEZA

Alpista, kilo, 560 rs.
Escossezes modernos para vestido, metro, 400 rs.
Lãs modernas para dito, metro, 600 rs.
Linha Alexandre e de machina, duzia, 1\$000.
Morins largos, com 8 metros, 2\$200.
Caixas de papel com 80 folhas e envelopes, 1\$000.
Chapéus de sol francezes, grandes, 8\$500.
Ditos dito, para senhora, 4\$500.
Ventarolas chinezas, 500 rs.
Abotoaduras para punho, 160 rs.
Ternos de casemira franceza, 22\$000.
Collarinhos de linho, a Prim, 500 rs.
Ditos dito para senhora, 800 rs.
Cretonne de 6¼, metro, 900 rs.
Kerosene, garrafa, 300 rs.
E muitas outras fazendas baratissimas que só á vista poderão ser apreciadas.

ABRAHAM LEVY
Rua do Commercio

Figura 6. Sr. Abraham Levy, irmão de Miguel Levy – O Município, 27 de maio de 1877, p. 4.

DAS PESSOAS QUE TEM CONCORRIDO COM SEUS DONATIVOS PARA SOCCORREREM OS INFELIZES CEARENSES FLAGELLADOS ACTUALMENTE PELA FOME, AGENCIADOS PELO DR. ANTONIO CORREA DE MACEDO.

(Continuação)

Os Illms. e Exms. Srs.

Transporte	1:195\$000
Capitão Lindorf Moreira de Vasconcellos	10\$000
Dr. Aurelio Rodrigues de Oliveira	10\$000
Prdre Antonio Barroso Bastos	5\$000
Francisco José Alves de Souza	5\$000
Um anonymo	5\$000
Joaquim Pereira Guimarães.	2\$000
José Antonio da Rosa.	2\$000
Domingos José Fernandes	2\$000
Abraham Levy.	2\$000
Henrique José Teixeira Guimarães	1\$000
Um anonymo	1\$000

Figura 7. Sr. Abraham Levy, irmão de Miguel Levy – O Município, 25 de Novembro de 1877, p. 4.

seringa e muitas canecas de agua, o que nos faz crer que voltamos ao tempo do antigo entrudo. No entanto fôra para desejar que esse tempo não voltasse mais; há muitos meios de folguedos nesses três dias, sem o emprego da agua, que tão serias consequencias pôde trazer. (O MUNICÍPIO, 1878, p. 1)

Concluindo que

Há aqui muitos moços amantes desse genero de divertimento; e em vez de andarem isolados ou em pequenos grupos nos dias de carnaval, devião fazer esforços para organisarem uma sociedade, como as da côrte por exemplo, proporcionando assim ás famílias um divertimento digno de vêr-se. Informão-nos que os bailes carnavalescos, dados no hotel Recreio Vassourense, correrão regularmente; não se tendo dado ahí, ou mesmo nas ruas, scena alguma desagradavel, que tornasse necessaria a intervenção da policia. (O MUNICÍPIO, 1878, p. 1)

Na matéria seguinte, ainda na primeira página, o jornal informa que ocorreu às vésperas da quarta-feira de Cinzas, início do período quaresmal, o falecimento de Miguel Levy, conforme vemos na Figura 8.

FALLECIMENTO. — Victima de uma febre biliosa, succumbio o Sr. Miguel Levy, irmão do negociante desta cidade o Sr. Abrahão Levy.

Pertencendo o finado á religião israelita, foi o seu cadaver sepultado no quintal da santa casa de Misericordia, no mesmo lugar em que em epocha anterior fôra tambem sepultado um outro israelita.

A nossa religião vedava ao finado a sepultura no cemiterio catholico.

Ao Sr. Abrahão Levy e seus irmãos os nossos pezames

Figura 8. Jornal O Município de 07 de março de 1878, p. 1

De acordo com o calendário disponível no Almanak Laemmert de 1878, na Figura 9.

Nesta mesma edição do Jornal O Município que noticiava o falecimento de Miguel Levy, nas páginas 2 e 3, consta um agradecimento em idioma espanhol dos seus irmãos:

Sección Libre – Gracitud – Apesar de la lamentable citucion, causada por la perdida de um hermano querido, no podemos omitir el grande deseo de hacer publico nuestro agradecimiento hacia los Srs. Revm. Vicario Lino da Silveira Gusmão. S. Exa. El Visconde de Araxá y a el Dr. Joaquim Alexandre de Siqueira por su indulgencia y atencion para com nosotros. Rogamos a el Todo Poderoso para estes ilustricimos

3

MARÇO
Tom 31 dias.

Entra o Sol em ARIES a 20, ás 2 horas, 50' 2" da tarde.

PIASES DA LUA.

● Nova a 4 a 0 hora 24' 50" da manhã.
 ☾ Cresc. a 12 á 1 hora 8' 12" da manhã.
 ☽ Cheia a 18 ás 6 horas 14' 16" da tarde.
 ☾ Ming. a 25 á 1 hora 37' 0" da tarde.
 Apogéo a 4 ás 8 horas da manhã. Perigéo a 18 ás 10 horas da manhã.
 Apogéo a 31 ás 11 horas da manhã.

A 4, ás 9 horas 18' 43" da tarde, chega a Lua ao Equador.
 A 12, ás 5 horas 16' 25" da manhã, " " ao Tropico do Norte.
 A 18, ás 11 horas 12' 28" da manhã, " " ao Equador.
 A 24, ás 5 horas 9' 40" da tarde, " " ao Tropico do Sul.

1 Sexta	S. Adrião, M. (Abrem-se as Assembléas Legislativas das Prov. da Bahia, Santa Catharina, Pernambuco e Rio Grande do Sul.)	27,4
2 Sabb.	S. Simplicio, P. (Abertura da Assembléa Legislativa de Sergipe.)	28,2
3 Dom.	Quinquagesima (Carnaval.) S. Hemeterio, M. (Abertura da Assembléa Legislativa da provincia das Atagôas.)	29,2
4 Segunda	● S. Casimiro, Principe da Polonia; S. Lucio, P. M.	0,4
5 Terça	S. Theophilo, B.; o B. João José da Cruz, F.; S. Rogerio, F.	1,4
6 Quarta	Cinzas. (Jef. até á Paschoa, excepto aos Domingos.) S. Olegario, B.	2,4
7 Quinta	S. Thomaz de Aquino, Dr. da Igreja, D.; S. Perpetua, M. (*)	3,4
8 Sexta	A SAGRADA COROA DE ESPINHOS DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO. S. João de Deus, Fundador dos Religiosos da Hospitalidade.	4,4
9 Sabb.	S. Francisca Romana, Viuva; S. Catharina da Bohemia, V. F.	5,4
10 Dom.	1ª da Quaresma. S. Militião e seus 39 Comp. Mm.	6,4
11 Segunda	S. Candido, M. Faz annos a Serenissima Princ. D. JANUARIA (56).	7,4
12 Terça	● S. Gregorio, P., Dr. da Igreja; o B. Antonio de Noto (Santo preto).	8,4
13 Quarta	(Temp.) A B. Sancha, V., Infanta de Portugal; S. Rodrigo, M.	9,4
14 Quinta	Trasladação de S. Boaventura; S. Mathilde, Rainha d'Allemanha. Vai á noite Imagem do Sr. dos Passos da Cap. Imp. para a Mis. Faz annos S. M. a Imp. a Sra. D. THERESA CHRISTINA MARIA (56).	10,4
15 Sexta	(Temp.) A LANÇA E CRAVOS DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO. S. Henrique, Rei de Ducla; S. Longuinhos, Soldado M. Proc. á tarde do Sr. dos Passos da Miser. para a Cap. Imp.	11,4
16 Sabb.	(Temp.) S. Cyriaco, M.; S. Abrahão, Eremita.	12,4
17 Dom.	2ª da Quaresma. S. Patricio, Ap. de Irlanda; S. Gertrudes, V.	13,4
18 Segunda	● S. Gabriel, Archanjo; S. Narciso, Arceb. de Braga.	14,4
19 Terça	S. José. Faz annos o Principe Sr. D. PEDRO AUGUSTO (12).	15,4
20 Quarta	S. Martinho Dumense, Arceb. (Sol em Aries. — Principia o Ontono.)	16,4
21 Quinta	S. Bento, Ab.; S. Berillo, R.	17,4
22 Sexta	O SAGRADO LENÇOL DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO. S. Emygdio.	18,4
23 Sabb.	S. Felix e seus Comp., Mm.; S. Victorino, M.	19,4
24 Dom.	3ª da Quaresma. INSTITUIÇÃO DO SS. SACRAMENTO. S. Marcos, M.	20,4
25 Segunda	● ANUNCIAÇÃO DE NOSSA SENHORA. S. Quirino e seus 262 Comp., Mm. Annivers. do juramento da Constituição. (Abren-se as Assembléas Legislat. do Amazonas e do Rio Grande do Norte.)	21,4
26 Terça	S. Ludgero, B.; S. Braulio, B.; S. Cassiano, M.	22,4
27 Quarta	S. Roberto; S. Fileto e S. Lydia sua mulher, Fl.; S. Bom Ladrão.	23,4
28 Quinta	S. Alexandre, M.; S. Castor e S. Dorothea, M.	24,4
29 Sexta	AS CINCO SACRAMENTAS CHAGAS DE NOSSO SENHOR JESUS-CHRISTO. S. Bertholdo, C.; S. Jonas seus Comp. m.; S. Archimimo, M.	25,4
30 Sabb.	S. João Climaco; S. Clíneo.	26,4
31 Dom.	4ª da Quar. S. Balbina, V.; S. Benjamin, M.; S. Anselmo, M.	27,4

(*) Chegada da Família Real Portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808.

Figura 9.

Fonte: LAEMMERT, Eduardo von Laemmert. Almanak Administrativo Mercantil e Industrial. Rio de Janeiro. Eduardo e Henrique Laemmert, 1878 p. 5. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/almanak/al1878/00000010.html. Acesso: 31 Maio 2020.

Srs. continuem prodigando obras benevolas como la que nos han hecho; por lo tanto suplicamos a estos Srs. que nos perdonen este publico agradecimiento. Tambien agradecemos mucho á toda persona que haya tenido parte en nuestros sofrimentos y condolido nuestra calamidad.

S. S. S.

Q. S. M. B.

Jaime Levy y Hermanos.

Vassouras a 6 de Março de 1878. (OMUNICÍPIO, 1878, p. 2-3)

Dois meses mais tarde, os irmãos de Miguel Levy publicam uma nota no mesmo jornal, no final de maio de 1878, se despedindo de Vassouras

Seção Livre – Despedida – Aos nobre vassourenses, os infra-assignados, partindo para a Europa e não podendo despedir-se pessoalmente dos seus numerosos amigos e conhecidos, e do indulgente povo desta cidade, o fazem por meio desta folha, agradecendo a todos em geral a amizade e benevolencia que lhes prodigalisarão durante o feliz período de sua residência aqui; e offerecendo-lhes os seus serviços na praça de Gibraltar, assegurão que levão de todos a mais grata inmorredora lembrança, e pedem-lhes que aceitem os sinceros protestos de sua eterna gratidão. Jayme Levy; Salvador Levy; 28 de maio de 1878. (O MUNICÍPIO, 1878, p. 4)

Percebe-se com esta manchete a possibilidade

de haver uma pequena comunidade de judeus ou cristãos novos em Vassouras no século XIX. Mais uma possibilidade aberta para nossa pesquisa sobre redes de sociabilidade em Vassouras no Oitocentos.

Apesar da tristeza pela morte de Levy, o irmão Abraham permanece em Vassouras e em agosto de 1878 informava numa pequena nota do Jornal o Município a mudança do endereço de sua loja comercial da rua do Commercio nº 22 para a mesma rua nº 2 ou praça do Aquidaban nº 13 e, ao lado, um anúncio com seus produtos, de quase um quarto da página do jornal; a partir deste verificamos que o endereço antigo da sua loja se localizava na esquina da Rua do Commercio com a Rua das Flores (atual esquina da rua Barão de Vassouras com a rua Visconde de Cananéa); no entanto, não informa o lado da rua, de acordo com a Figura 10.

Considerações Finais

Neste trabalho percebemos que o uso da imprensa se faz necessário para um melhor entendimento das relações sociais no Brasil imperial, quer seja como fonte auxiliar, quer seja como fonte principal da pesquisa.

A falta desta fonte de pesquisa para o período estudado em outras investigações sobre o Município de Vassouras dificultou este entendimento, uma vez que não dispúnhamos de outra fonte senão as oficiais e a disponibilização destes periódicos em uma plataforma online possibilitou novas abordagens e a continuidade da nossa e de outras pesquisas.

Sem a imprensa, nunca saberíamos a *causa mortis* de Benjamin Benatar e sem ela também não perceberíamos o falecimento deste marroquino que declarou, no seu leito de morte, o desejo de morrer como judeu, em plena Semana Santa de 1859.

Da mesma forma, localizar a notícia sobre o falecimento de Miguel Levy nos proporcionou o surgimento de novos caminhos sobre a sua trajetória em Vassouras. E nos fez perceber que nem ele nem Benatar eram forasteiros e, sim, estabelecidos há algum tempo em Vassouras.

O uso da imprensa nos proporcionou o preenchimento de lacunas históricas sobre o município de Vassouras e suas personagens e nos oferece a possibilidade de continuar a pesquisa sobre o cotidiano desta cidade do Vale do Paraíba Fluminense, através do uso deste tipo de fonte histórica e com os critérios historiográficos para este fim.

Mas algumas questões ainda merecem ser pesquisadas e a partir de novas fontes poderemos elucidar mais alguns pontos de suas respectivas trajetórias.

Notas

Revista Mosaico - 2020 Jan./Jun.; 11 (1): 25-38



Figura 10. Jornal O Município de 07 de março de 1878, p. 4

1. Como exemplo, destacamos a Vila de Valença que teve seu primeiro jornal “O Valenciano” - Jornal da Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional da Vila de Valença - criado em 1832 - Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=702358&pasta=ano%20183&pesq=>. Acesso: 21 Abr 2018. e conf. IÓRIO, Leoni. **História de Valença de Ontem e de Hoje (Subsídios para a História de Valença). 1789-1952**. 2ª. ed. Valença: Jorge Luiz Dutra Osório, 2013. Que nos descreve que o seu formato era pequeno do tamanho de uma folha de papel almaço e impresso na Tipografia Nacional, no Rio de Janeiro. p. 60.

2. Conforme o site da Academia Brasileira de Letras - biografia de Raimundo Corrêa, disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/raimundo-correia/biografia>. Acesso em 27 maio 2018.

3. O conceito de Estabelecidos e Outsiders, desenvolvido por Norbert Elias e John L. Scotson, refere-se basicamente a diferença dos grupos quanto ao tempo de residência num determinado local. Mais detalhes ver ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 21

4. Correio Mercantil do Rio de Janeiro, datada de 25 de abril de 1857. Edição 122. p. 1.

5. De acordo com o Sumário Ex-Officio de Negação de Sepultura Eclesiástica, aberto no dia 15 de abril de 1859, Benjamin Benatar falecera em 14 de abril de 1859.

6. Neste período a religião oficial do Império do Brasil, conforme a Constituição de 1824, era a Igreja Católica Apostólica Romana e o único cemitério da cidade de Vassouras-RJ era cristão e pertencente a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. Mais detalhes ver MONTEIRO, Angelo F. **O Caso Benatar e as Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX**. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em História da Universidade Severino Sombra. Vassouras, Agosto/2005. (publicada posteriormente como MONTEIRO, Angelo F. **Redes de Sociabilidade em Vassouras no Século XIX – O Caso Benatar**. Vassouras: Edição do Autor, 2007)

7. LAEMMERT, Eduardo von Laemmert. Almanak Administrativo Mercantil e Industrial. Rio de Janeiro. Eduardo e Henrique Laemmert – Ano 1859, p. 6. Sobre Benjamin Benatar ver RAPOSO, Ignácio. **História de Vassouras**. Niterói: SEEC, 1978; WOLFF, Egon e WOLFF, Frieda. **Dicionário II - Judeus no Brasil - Século XIX**. Cemitério da Comunidade Israelita, Rio de Janeiro, 1987; WOLFF, Frieda. **Nossas Três Vidas e Outras Histórias**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. ROCHA, Isabel. **Benjamin Benatar – Um pouco da Vida Social em Vassouras**. Caderno de Estudo. Vassouras: Graficart Editora, 2002; MONTEIRO, Angelo F. **O Caso Benatar e as Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX**. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em História da Universidade Severino Sombra. Vassouras, Agosto/2005. (publicada posteriormente como MONTEIRO, Angelo F. **Redes de Sociabilidade em Vassouras no Século XIX – O Caso Benatar**. Vassouras: Edição do Autor, 2007); GRINBERG, Keila. Onde enterrar Benjamin Benatar? Rio de Janeiro. **Revista Insight Inteligência**. Nº 31. Out./Dez. de 2005. p. 99-104, disponível em: <http://insightinteligencia.com.br/pdfs/31.pdf>. Acesso em 27 dez 2017.

8. TRIBUNAL ECLESIÁSTICO DE VASSOURAS. Traslado do Processo de Negação de Sepultura de 1859. Vigário Manoel José dos Reis (autor), Benjamin Benatar (falecido).

9. Para mais detalhes ver MONTEIRO, Angelo F. **O Caso Benatar e as Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX**. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em História da Universidade Severino Sombra. Vassouras, Agosto/2005. (publicada posteriormente como MONTEIRO, Angelo F. **Redes de Sociabilidade em Vassouras no Século XIX – O Caso Benatar**. Vassouras: Edição do Autor, 2007). Sobre a negação de sepultura eclesiástica - conf. Livro 4, títulos 57 e 58 em VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia**. Fac símile da 2ª edição - 1853. Brasília, Senado Federal, 2007.

10. TRIBUNAL ECLESIÁSTICO DE VASSOURAS. Traslado do Processo de Negação de Sepultura de 1859. Vigário Manoel José dos Reis (autor), Benjamin Benatar (falecido).

11. TRIBUNAL ECLESIÁSTICO DE VASSOURAS. Traslado do Processo de Negação de Sepultura de 1859. Vigário Manoel José dos Reis (autor), Benjamin Benatar (falecido).

12. Correio Mercantil de 22 de Maio de 1859. Matéria: Correspondência de Vassouras. p. 1.

13. Mais informações ver MONTEIRO, Angelo F. **O Caso Benatar e as Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX**. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em História da Universidade Severino Sombra. Vassouras, Agosto/2005. (publicada posteriormente como MONTEIRO, Angelo F. **Redes de Sociabilidade em Vassouras no Século XIX – O Caso Benatar**. Vassouras: Edição do Autor, 2007).

14. De acordo com o Sumário Ex-Officio de Negação de Sepultura Eclesiástica, aberto no dia 15 de abril de 1859, Benjamin Benatar falecera na noite de 14 de abril de 1859.

Fontes primárias

• Hemeroteca Digital Brasileira:

- Almanak Vassourense
- O Vassourense – 1882
- O Município – 1877 e 1878
- O Correio Mercantil – 1859

• LAEMMERT, Eduardo von Laemmert. Almanak Administrativo Mercantil e Industrial. Rio de Janeiro. Eduardo e Henrique Laemmert, 1878 p. 5. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/almanak/al1859/0000010.html. Acesso: 31 Maio 2020.

• LAEMMERT, Eduardo von Laemmert. Almanak Administrativo Mercantil e Industrial. Rio de Janeiro. Eduardo e Henrique Laemmert, 1878 p. 5. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/almanak/al1878/0000010.html. Acesso: 31 Maio 2020.

• Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Irmandade da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras – Dr. Joaquim José Teixeira Leite:

• Tribunal Eclesiástico de Vassouras. Traslado do Processo de Negação de Sepultura de 1859. Vigário Manoel José dos Reis (autor), Benjamin Benatar (falecido).

• Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras - PNSCV. Folheto com a Programação da Semana Santa em Vassouras – 2020. Impressão Gráfica Palmeiras. (Devido a Pandemia do Covid-19, com o isolamento social, a programação teve que ser adaptada com supressão de atividades públicas e as demais com transmissão *online* em canais da Igreja Matriz de Vassouras das redes sociais como Facebook, YouTube e Instagram).

Referências

BARROS, José D’Assunção. **Fontes Históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2019.

BRAGA, Greenhalgh H. Faria. **Vassouras de Ontem**. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1975.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERREIRA, Carlos Alberto Dias. O Manifesto Vassourense e a reforma judiciária de Nabuco de Araújo (1854-1856). In: MOURA, Ana Maria da Silva (org.) et al. **Estudos**. Vol. III. Série Grupo de Pesquisa LEPH (Laboratório de Estudos de História Política) – produção discente. Programa de Mestrado em História Social da Universidade Severino Sombra – USS (atual Universidade de Vassouras), Vassouras: 2010.

GRINBERG, Keila. Onde enterrar Benjamin Benatar? Rio de Janeiro. **Revista Insight Inteligência**. Nº 31. Out./Dez. de 2005. Disponível em: <http://insightinteligencia.com.br/pdfs/31.pdf>. Acesso em: 27 dez 2017.

IÓRIO, Leoni. **História de Valença de Ontem e de Hoje (Subsídios para a História de Valença) 1789-1952**. 2. ed. Valença: Jorge Luiz Dutra Osório, 2013.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O Homem e a Serra**. Série A. Biblioteca Geográfica Brasileira. Nº 8. Setores da Evolução Fluminense IV. Edição da Divisão Cultural. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Conselho Nacional de Geografia, 1963.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 1º Volume – História. Lisboa: Edições 70, 1982.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes Impressas – História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi et al (org.). **Fontes históricas**. 2.

ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

MONTEIRO, Angelo F. **O Caso Benatar e as Redes de Sociabilidade em Vassouras no Século XIX**. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em História Social da Universidade Severino Sombra. Vassouras, 2005.

_____. **Redes de Sociabilidade em Vassouras no Século XIX – O Caso Benatar**. Vassouras: Edição do Autor, 2007.

_____. Vassouras – Origens do Povoado até o Centenário de Elevação a Cidade. **Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades**. v.3, p. 29-46, 2012.

MONTEIRO, Angelo F.; LIMA, Ailton Bezerra. O Jornal Vassourense e a Política no Brasil do século XIX - 1885 a 1887. **Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades**. v.4, p. 13-17, 2013.

MUSEU CASA DA HERA. Disponível em: <<https://casadahera.wordpress.com/historia/os-teixeira-leite/>>. Acesso em: 29 Maio 2018.

PINTO, Jorge. **Fastos Vassourenses**. Vassouras: Fundação 1º de Maio, 1935.

RAPOSO, Ignácio. **História de Vassouras**. 2. ed. Niterói: SEEC, 1978.

REILY, S. A. A experiência barroca e a identidade local na Semana Santa de Campanha, Minas Gerais. **Per Musi**, Belo Horizonte, n. 24, 2011, p. 43-53. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pm/n24/n24a06.pdf>. Acesso em: 31 maio 2020.

ROCHA, Isabel. **Benjamin Benatar – Um pouco da Vida Social em Vassouras**. Caderno de Estudo. Vassouras: Graficart Editora, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

VALLE, Hardalla Santos do; ARRIADA, Eduardo; CLARO, Lisiane Costa. A Utilização de Fontes no Ensino de História: A imprensa na construção do conhecimento. **Momento**, Rio Grande, n. 20, v. 1, p. 59-72, 2010.

VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia**. Fac símile da 2ª edição - 1853. Brasília, Senado Federal, 2007.

WOLFF, Egon e WOLFF, Frieda. **Dicionário II - Judeus no Brasil - Século XIX**. Cemitério da Comunidade Israelita, Rio de Janeiro, 1987.

WOLFF, Frieda. **Nossas Três Vidas e Outras Histórias**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.